

# PENSAR A ÉTICA AMBIENTAL, À LUZ DA “ÉTICA DA ALTERIDADE” (E. LEVINAS)

---

Marcelo L. Pelizzoli<sup>1</sup>

Esse tema, talvez, seja o mais delicado a inserir-se dentro da inspiração, vinda deste Autor. Em primeiro lugar, E. Levinas<sup>2</sup> não aborda questões da Natureza e ecológicas, tal como se pode acompanhar, em Autores do Romantismo, ou em Schelling, ou T. de Chardin, Escola de Frankfurt (Marcuse em especial), e mesmo Heidegger, ou E. Morin, M. Serres, L. Boff e vários outros nomes atuais, como o filósofo Hans Jonas, em especial. Na verdade, ocorre, até, uma certa omissão e quando não uma visão “antropocêntrica” (ou “subjetivocêntrica”, ou “intersubjetivocêntrica”) que não assimila modos de relação com o ambiente vivo, como propalado, hoje, na Ecologia - como movimento e corrente de pensamento. Isso deve-se à grande vertente da Ética bíblico-judaica e talmúdica, na qual a questão da natureza sempre foi “secundária”, pois o desafio básico situa-se no confronto entre seres humanos e sua convivência, antes que no próprio impulso ao conhecimento lógico e à Ciência. Vejam-se algumas posturas do Antigo Testamento, em relação à Natureza como tal. Já no próprio

---

<sup>1</sup> Prof. da UFPE. Membro dos Amigos da Terra do Brasil. E-mail: [mlpelizzoli@ig.com.br](mailto:mlpelizzoli@ig.com.br)

<sup>2</sup> Emmanuel Levinas, falecido em 1995, grande filósofo e fenomenólogo da contemporaneidade, e que vai além de Husserl e Heidegger e do existencialismo pela via da “ética como filosofia primeira” mais que a moral normativa, colhendo inspiração na sabedoria bíblica antiga, traz uma crítica radical aos fundamentos do *Logos* e saber do Ocidente grego, na medida em que este reflete, ontologicamente, a postura de dominação do Mesmo sobre o Outro. Suas obras mais conhecidas são “Totalidade e Infinito” e “Autrement qu’etre, ou au-delá de l’essence”. Estão traduzidas, pela Editora Vozes: “Entre nós - ensaios sobre a alteridade” e “Humanismo do outro homem”, e ainda “Sobre Deus que vem à idéia”.

Gênese, mesmo: “dominai e submetei as criaturas todas, dominai sobre a terra” (gn I,28). Isto deve-se igualmente à noção crítica e delimitada que o Autor tem, em relação aos aspectos mitológicos e românticos, que ocorrem na relação do homem com o ambiente natural e construído, como também na Arte. Mas, então, por que abordar na Ética Ambiental a Ética da Alteridade - que pensaria a questão do Sujeito e do Outro e não da Natureza ?

Isso faz com que retomemos nosso velho alerta de que a problemática da Natureza, do ambientalismo, é uma questão (*eco*)*ética*, *ambiental* no sentido profundo, o que significa que se trata de modos de *relação*, de concepções de *mundo* ligadas a concepções de *ser humano* e, em especial, de *alteridade*, do sentido que damos àquilo que nos ultrapassa, sem deixar de nos dizer respeito, de Outrem, em sua diferença. A operação, aqui, é aproximar a abordagem da Natureza do conceito de Outro, interligar a ela o estatuto da *alteridade*, ou seja, ela é mais do que posso conhecer/dominar; ela tem vida própria, e deve ser acolhida em sua dignidade<sup>3</sup>.

Então, na verdade, entram, em jogo, teses muito profundas, na concepção que temos do próprio sentido da vida e do universo, a saber: a prioridade, seria, antes conhecer o universo no sentido de classificá-lo, transformá-lo e dispor dele, como o fez a Ciência e o pensamento, vindo dos gregos, e a Ciência e a Revolução Científica até os nossos dias, ou o sentido primeiro seria o ético, no modo mais profundo da palavra ? Ou seja, o sentido primeiro não estaria em lidar com as questões humanas mais caras, tais como as questões do Outro,

<sup>3</sup> Sobre a *ética da alteridade*, veja-se nossa obra *Levinas: a reconstrução da subjetividade*. EDIPUCRS, 2002. E tb. o belo artigo de P. Pivatto, em *Correntes da ética contemporânea*. (VVAA). Ed. Vozes, 2000.

do fazer valer a vida antes de tudo, de fazer valer o diálogo, a diferença e, por conseguinte, o acolhimento do excluído ? Evitar o instante da violência...

É isso, em palavras simples, o que exprime a *ética como filosofia primeira* de Levinas, ou seja, a *inteligibilidade ética como sentido primeiro*. E tal implica em que, antes e junto da preocupação *ontológica* e metafísica com o próprio ser (com o Eu e com o Sistema), antes da preocupação *cosmológica*, com os astros e nosso apego ao Todo e à terra (no sentido de que isso, ainda, sirva, no fundo, apenas, ainda ao interesse do Eu e do Sistema), antes da preocupação *epistemológica* do conhecimento verdadeiro e do domínio do mundo por ele, e ainda, certamente, antes do interesse *econômico egológico*, estaria o nível Ético apontando para o sentido primeiro da subjetividade, como “para-outrem”. Ou seja, Eu só tenho sentido, se me encontro com Outrem no nível da maturidade e responsabilidade, acolhendo-o, portanto, como mais que objeto e fruto de necessidade, já como Desejo do outro como Outro. Observe-se que isso não é dizer que o ser humano é “bom por natureza”, mas uma interpretação que diz que ele só é verdadeiramente *humano* se realiza o potencial ético e de relação de Alteridade que recebe, enquanto *criatura*, vivendo cada momento, enquanto um ser grandioso e capaz, mas ao mesmo tempo altamente vulnerável, sensível, sujeito da afecção, ou seja, precisando demais de Outrem e *acolhendo outrem para dar sentido á vida* (o que nos lembra a compaixão no Budismo).

Pela “*ética da alteridade*”, podemos, também, ter um bom crivo para refletir sobre as posições ético-ambientais, em jogo, hoje. Na fundamentação da Ética holística e cosmológica, podem ocorrer certas insuficiências, as quais as “filosofias da diferença” e da Alteridade,

ou até a Psicanálise, poderiam demonstrar, no sentido de que elas, às vezes, pressupõem um Eu que se completaria junto ao Todo e à Natureza, do homem como simples parte da Natureza, quase num certo biologicismo. A análise desta postura, a partir de uma visão contemporânea de subjetividade, inspirada a partir do filósofo lituano-judeu-francês Emmanuel Levinas, pode nos iluminar, do ponto de vista da relação com a natureza, enquanto *alteridade*; compõe-se, pois, como uma crítica bem enraizada, conjugada ao questionamento das conseqüências éticas das diversas teorias, no Ocidente, consubstanciada, a partir de uma crítica ético-epistemológica nova e complexa e que, talvez, seja uma boa alternativa para a “Pós-modernidade” em crise e em vazio ético, preocupação, também, de Hans Jonas<sup>4</sup>.

### Entre Grécia e Jerusalém

Naturalmente, quem se aprofunda na leitura de Levinas, sente que está, em jogo, um embate entre grandes tradições culturais e de pensamento (Filosofia e Ciência grega e Sabedoria judaico-bíblica antiga – que, no bélico Israel atual, se perverteu), e este embate resumir-se-ia, para muitos, entre Ontologia e Ética, entre afirmação do Eu no mundo laico, livre e da Ciência e a afirmação e construção da prioridade do Outro, na relação por excelência do Eu ético (humano diante da Lei). Por conseguinte e por coerência, é preciso ter, em mente, que estes são pontos *complementares* da vida humana e social, ao mesmo tempo que pontos que trouxeram, em geral, uma quantidade enorme de

<sup>4</sup> Cf. nossa obra *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

oposições e conflitos, sendo que se pode dizer, hoje, que o âmbito do Ético ficou sufocado, esquecido, contaminado e assim por diante. Daí a validade e importância do pensamento da Alteridade, porque ele vem resgatar o lado humano da Singularidade, da Solidariedade e da Alteridade (pluralidade).

### Dos limites da Filosofia no campo da Práxis – mesmo das que falam sobre a Práxis

Agora, precisamos ser realistas, no sentido de que todos nós habitamos *contra* a Alteridade do mundo e inclusive de Outrem, na medida em que ocupamos lugares, espaços e bens limitados, diante de pessoas que não o alcançam, e isso mesmo os que estudam Filosofia, Religião, Ética, Levinas etc. E igualmente, realistas na medida em que já estamos no mundo da Ciência e da Tecnologia, e que não podemos, simplesmente, opor uma teoria de boas intenções éticas, ou pregar “a Ética como Filosofia Primeira” e que isso fique em nível, meramente, acadêmico, de aprofundamentos conceituais, de interfaces com a História da Filosofia para comparar e criticar filósofos, como se isso trouxesse qualquer peso real e concreto, em termos de relação com a Alteridade de Outrem. Se o Eu transcendental e racionalista é uma construção mental, quase sempre narcísico, a sua mera crítica em nome do Outro, também, o pode ser, assim como o aprofundamento endógeno da Filosofia de Levinas não ultrapassa as fronteiras do Idealismo – como costuma ser toda a Filosofia na sua ênfase acadêmica.

O início da superação dos limites do que acusamos, aqui, no Idealismo e da endogenia que é a própria lógica do discurso filosófico em geral, dá-se, portanto, tomando, em primeiro lugar, uma atitude de *inserção concreta na vida social*, na postura de defesa socioambiental,

nas mais diversas formas de busca de resgate do Outro, da cidadania, da justiça social e equilíbrio ecológico e, de forma urgente, nos países de Terceiro Mundo - e antes mesmo de ter a certeza conceitual filosófica dos termos, em jogo, pois “para bom entendedor meia palavra basta” ou um bom olhar à volta é suficiente. Por isso que reputo que a Filosofia da Libertação (E. Dussel e J. C. Scannone, em especial), ou em outros termos a “*ética da libertação*”, é já parte de um caminho evolutivo, em direção à saída do Idealismo conceitual da Alteridade para o dar-se conta do agir de fato, da práxis, da História, ao meu redor, sendo feita. Aliás, como diz Levinas: *il faut agir avant d’entendre*.

Estas questões revelam, também, que a Ética da Alteridade tem os seguintes papéis centrais:

1 – Crítica forte ao *Eu idealista*, construção mental e egóico, sem carne; e crítica à auto-afirmação do Sistema vigente, por trás da Filosofia e da Ciência.

2 – Crítica à História da Filosofia, à Filosofia grega e à Ciência, pois escamotearam o Outro concreto, em suas diversas faces. Ou seja, não souberam, em geral, lidar com o que chamo de as “figuras da Alteridade” - que são *o crivo para julgar toda a velharia filosófica, discursiva e ideológica* que se estuda, ingenuamente, até hoje: o crivo de como se vê o **Outro**, como se vê o **estrangeiro**, como se vê o **bebê**, a **criança**, como se vê a **mulher**, o **negro**, o **índio**, o **latino-americano**, o **louco**, como se vê a **Natureza**, como se vê a vida do povo, como se vê a **sexualidade**, como se vê ou se lida com o **amor**, como se vive tais coisas e assim por diante.

3 – Defesa e acolhimento da Alteridade de Outrem, na forma de acolhimento dos excluídos.

4 – Luta pelos excluídos, engajamento social e ambiental, sem o que o estudo vira *hipocrisia*<sup>5</sup>.

## Alteridade e Ecologia

A Natureza, concebida, a partir do parâmetro da Alteridade, como relação e respeito à característica própria do Outro, “real”, como Outro, é uma das condições de uma eficaz relação de respeito para com a Natureza, base de uma Ética Ambiental a ser afirmada<sup>6</sup>. Nestas minhas obras citadas, levantei já o problema em jogo, quando não se percebe que muitas das alternativas de pensamento ecológico, mormente holísticas, para não falar das desenvolvimentistas e superficiais, partem de pressupostos não apenas holísticos mas também totalizantes, no sentido de visões que se fecham sub-repticiamente. Não é de espantar que muitas formas de pensar, mais intuitivas, “místicas”, valem-se muitas vezes de concepções científicas e pseudo-científicas para legitimar suas crenças.

Ali se constroem parâmetros de compreensão do humano desde uma perspectiva localizada, compartilhada por grupos que almejam uma universalização de suas cosmovisões, mas que podem não levar em consideração as grandes diferenças religiosas, políticas, econômicas e outras. Pressupõe-se, muitas vezes, uma natureza humana geral e

<sup>5</sup> Ou seja, para que tem servido o saber acadêmico de tipo filosófico? O grave é que toda *estrutura do discurso*, da linguagem, da lógica do modelo que tem o seu ápice na modernidade (mas continua até hoje) está contaminada. Os conceitos que tentam expressar alguma realidade humana ou do saber, e que são interpretações absolutamente precárias para aos tempos atuais, desconhecendo uma série de avanços, desmistificações, mutações e complexidades na compreensão, na metodologia, na linguagem de temas guias ali, tais como: sujeito, espaço, história, verdade, moral, Ser, consciência, mundo, outro, Absoluto, transcendental etc. São termos com aura anacrônica, limitados e muito (des)localizados. *Por isso também, pelas feridas narcísicas da filosofia e seus praticantes, que se olhou mal para um Freud e um Lacan, ou mesmo um Levinas e Derrida, ou um Marx renovado, ou um Dussel bem perto de nós, fazendo o que não conseguimos fazer: ou para os artistas e poetas, para os místicos e os loucos, pois eles jogam na cara a crua realidade que se esconde por trás das intenções e do discurso acadêmico tradicional.*

<sup>6</sup> Veja-se nossa obra *Correntes da ética ambiental*, e tb. *A emergência do paradigma ecológico*, da Ed. Vozes.

igualada, e que por sua vez é parte da Natureza maior, como as velhas correspondências míticas entre microcosmo e macrocosmo, homem e Cosmos. Certamente, tais concepções exerceram e ainda podem exercer papel importante num mundo ecológico, não obstante, contém armadilhas nas suas visões.

Com Levinas, pode-se ir mais para trás na crítica histórica ao pensamento ocidental, aventada pelos ecólogos em geral, que situam a Revolução Científica e a Industrial como o ponto de partida nodal para o entendimento da crise ecológica. Pois ele volta à matriz grega, ao *Logos* da odisséia grega do conhecimento como dominação do Outro (Natureza). O exemplo clássico é a retomada crítica do Mito de Ulisses, de Homero, tal como Adorno e Horkheimer o fazem na *Dialética do Iluminismo*, condenando a razão e mítica grega como tentativa de dominação da natureza e do Outro, sintomatizada na figura do herói grego, e herói trágico que enfrenta a morte.

É preciso, aqui, ter muito cuidado, para não condenar uma tradição como tal em nome de outra (bíblica); e mais, é preciso buscar as melhores interpretações do *logos* grego, em especial na dialética aberta de Platão, como o faz a hermenêutica de Gadamer<sup>7</sup>. *Logos* não é simplesmente *ratio*, mas palavra, e palavra trocada, “dia-logos”, troca viva. A ecologia é isso, como proposta política. Outro conceito que podemos recuperar dos gregos é o de *Cosmos* mesmo; ele é altamente dinâmico, tal como a *Physis*, natureza, no sentido de nascer contínuo; a palavra vem de “brotar”, renascer, crescer. *Cosmos* é ordem dinâmica, contínua, é belo nesse sentido; é harmonia, onde o homem está integrado; o que não impede os desafios da liberdade das coisas humanas na

<sup>7</sup>Cf. quanto a isso a obra “O sentido de início”, de Gadamer.

*Pólis*, que igualmente deveria se reger pela harmonia dinâmica do *Cosmos*.

É claro que essas culturas antigas todas, seja grega, seja judaica, tinham uma dose grande de etnocentrismo, de auto-defesa, de endogenia, de visões que se fechavam. Os exemplos são muitos, da Grécia à Bíblia. Fato é que as experiências bíblicas contém uma ética mais radical, um foco eminentemente ético, e que não visa efetivamente uma teoria do conhecimento ou uma ciência da Natureza. E é por isso também que pode e deve ser recuperada hoje, como sabedoria de vida, no sentido de permear o saber científico, tecnológico e “mundano”.

Certamente, têm um valor grande as concepções messiânicas da história, no sentido da possibilidade real do Novo, do advento da Justiça, antes da liberdade do eu dominador, antes do Sistema totalizante. É neste sentido que Levinas diz, na introdução de *Totalidade e Infinito*: “a verdadeira vida está ausente, mas nós estamos no mundo”; nós esperamos algo; a “metafísica”, no sentido não de uma razão egológica ou mesmo religiosa, mas de uma ética humana e também ecológica como sentido primeiro. A ética bíblica levinasiana pode, sim, contribuir com a visão ecológica, no sentido de fazer pensar os resquícios egológicos e mistificantes de uma religião da Natureza, como quando do início (anos 60) dos movimentos ecológicos em especial; de chamar à responsabilidade radical, junto com a solidariedade ecológica ventilada; de questionar certas visões de ser humano e de natureza que esquecem da alteridade radical.

É importante enfatizar que esta postura ética, no meu entender, junto a temas como a abordagem e a organização socioambiental, deve ser *necessariamente* aproximada da postura hermenêutica e outras semelhantes, no tocante às soluções mais eficazes para a crise socioambiental. Na verdade, a Ética da Alteridade entra mais como

inspiração, reflexão sobre as formas de racionalidade(s) e imperativo ético regulador, devendo ancorar-se em metodologias e abordagens epistemológicas, históricas e concretas, para as diversas áreas, situações e contextos. A hermenêutica, partindo das conseqüências do paradigma cartesiano, nas Ciências naturais e da Razão Instrumental, analítico-explicativa e reducionista, propõe a recuperação de horizontes de tematização recalcados, a compreensão, dos discursos históricos das localidades; propõe a vivência, propõe o diálogo compreensivo e recorrente com a realidade no tempo, busca reapropriar-se de valores, gerados pelos contextos e narrativas socioambientais históricas. E pode apontar para uma Educação Ambiental, como processo, apropriação e reconstrução compreensiva de valores e modos de inserção, nos ambientes e culturas, de forma orgânica e sustentável<sup>8</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- PELIZZOLI, Marcelo L. *A emergência do paradigma ecológico*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Levinas: a reconstrução da subjetividade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PIVATTO, Pergentino S. *Ética da alteridade*. In: Oliveira, M (org.). *Correntes da ética contemporânea*. Ed. Vozes, 2000.
- SOUZA, Ricardo T. de. *Totalidade e desagregação*. EDIPUCRS, 1996.

<sup>8</sup> É o que mostrei em *Correntes da ética ambiental*, Petrópolis: Ed. Vozes.